

DICIONÁRIO ENCICLOPÉDICO DE PSICANÁLISE

O LEGADO DE FREUD E LACAN



editado por PIERRE KAUFMANN

PRIMEIRO GRANDE DICIONÁRIO LACANIANO

JORGE ZAHAR EDITOR

DICIONÁRIO ENCICLOPÉDICO DE PSICANÁLISE

O legado de Freud e Lacan

editado por
PIERRE KAUFMANN

Tradução:
VERA RIBEIRO
MARIA LUIZA X. DE A. BORGES

Supervisão da edição brasileira:
MARCO ANTONIO COUTINHO JORGE
psiquiatra, psicanalista

JORGE ZAHAR EDITOR
Rio de Janeiro

facebook.com/lacanempdf

Título original:
*L'apport freudien: Éléments pour une
encyclopédie de la psychanalyse*

Tradução autorizada da edição francesa
publicada em 1993 por Éditions Bordas, de Paris, França

Copyright © 1993, Éditions Bordas

Copyright © 1996 da edição em língua portuguesa:

Jorge Zahar Editor Ltda.
rua México 31 sobreloja
20031-144 Rio de Janeiro, RJ
tel.: (21) 240-0226 / fax: (21) 262-5123
e-mail: jze@zahar.com.br

Todos os direitos reservados.

A reprodução não-autorizada desta publicação, no todo
ou em parte, constitui violação do copyright. (Lei 5.988)

Capa: Carol Sá

Ilustração da capa: *Infanta*,
óleo sobre tela de Antonio Saura, 1960

CIP-Brasil. Catalogação-na-fonte
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ.

D542 Dicionário enciclopédico de psicanálise: o legado de
Freud e Lacan / editado por Pierre Kaufmann; tradução,
Vera Ribeiro, Maria Luíza X. de A. Borges; consultoria,
Marco Antonio Coutinho Jorge — Rio de Janeiro: Jorge
Zahar Ed., 1996

Contém dados bibliográficos
ISBN: 85-7110-360-7

1. Freud, Sigmund, 1856-1939 – Dicionários. 2.
Lacan, Jacques, 1901-1981. 3. Psicanálise – Dicionários.
I. Kaufmann, Pierre.

96-1424

CDD — 150.19503

CDU — 159.964.2 (038)

"O tema dos três esferínios", publica-
do em Im., t.II. ESB, v.XII.
"A disposição à neurose obsessiva".
Comunicação ao Congresso Psicana-
lítico de Milão, publicado em Int. Z.
f. Ps., t.I. ESB, v.XII.

III. SEGUNDA TÓPICA E TEORIA DA CIVILIZAÇÃO

- 14 Jung deixa a presidência da Associa-
ção Internacional.
"A história do movimento psicanalí-
tico". ESB, v.XIV.
"Sobre o narcisismo: uma introdu-
ção", publicado em Jahrb. f. ps. u. ps.
F., t.II. ESB, v.XIV.
"O Moisés de Michelangelo", publi-
cado em Im., t.III. ESB, v.XIII.
15 "Um caso de paranóia que contraria a
teoria psicanalítica da doença", pu-
blicado em Int. Z. f. Ps., t.III. ESB,
v.XIV.
"As pulsões e suas vicissitudes", pu-
blicado em Zbl. f. Ps. ESB ["Os ins-
tintos e suas vicissitudes"], v.XIV.
"Observações sobre o amor transfe-
rencial (Novas recomendações sobre
a técnica da psicanálise III)", publi-
cado em Z. f. Ps., t.III. ESB, v.XII.
"Reflexões para os tempos de guerra
e morte", publicado em Im., t.IV.
ESB, v.XIV.
"O inconsciente", publicado em Z. f.
Ps. ESB, v.XIV.
"Recalcamento", publicado em Z. f.
Ps. ESB ["Repressão"], v.XIV.
16 "Alguns tipos de caráter encontrados
no trabalho psicanalítico", publicado
em Im., t.IV. ESB, v.XIV.
"Sobre a transitoriedade" (*Vergäng-
lichkeit*), escrito em 1915 para a As-
sociação Goethe de Berlim. ESB,
v.XIV.
16-17 *Conferências introdutórias sobre
psicanálise*. ESB, v.XV e XVI.
17 "Luto e melancolia", publicado em Z.
f. Ps., t.I. ESB, v.XIV.
"As transformações da pulsão exem-
plificadas no erotismo anal", publica-
do em Z. f. Ps., t.IV. ESB ["As trans-

1918

1919

1920

1921

1922

1923

1924

formações do instinto exemplificadas
no erotismo anal"], v.XVII.
"Suplemento metapsicológico à teo-
ria dos sonhos", publicado em Z. f.
Ps. ESB, v.XIV.
"Uma dificuldade no caminho da psi-
canálise". ESB, v.XVII.
"O tabu da virgindade". ESB, v.XI.
"História de uma neurose infantil"
(Homem dos Lobos), publicado em
*Sammlung kleiner Schriften zur
Neurosenlehre*. ESB, v.XVII.
"O 'estranho'", publicado em Im.,
t.V. ESB, v.XVII.
"Bate-se numa criança", publicado
em Int. Z. f. (ã). Ps. ESB ["Uma
criança é espancada"], v.XVII.
"Sobre o ensino da psicanálise nas
universidades". Original em húnga-
ro. ESB, v.XVII.
"Introdução a *A psicanálise e as neu-
roses de guerra*". ESB, v.XVII.
(jan.) Morte da filha Sophie.
"Memorando sobre o tratamento elé-
trico dos neuróticos de guerra", escri-
to para o processo movido contra
Wagner-Jauregg. ESB, v.XVII.
"Mais-além do princípio de prazer".
ESB ["Além do princípio de pra-
zer"], v.XVIII.
"Psicologia das massas e análise do
eu". ESB ["Psicologia de grupo e a
análise do ego"], v.XVIII.
"Observações sobre a teoria e a práti-
ca da interpretação de sonhos", publi-
cado em 1923 em Int. Z. f. (ã). Ps.
ESB, v.XIX.
"Dois verbetes de enciclopédia"
("Psicanálise" e "Teoria da libi-
do"), publicados em 1923. ESB,
v.XVIII.
"O eu e o isso". ESB ["O ego e o id"],
v.XIX.
"Uma breve descrição da psicanáli-
se", publicado em inglês em 1923
pela Encyclopaedia Britannica. ESB,
v.XIX.
"A dissolução do complexo de Édi-
po". ESB, v.XIX.
"O problema econômico do maso-
quismo", publicado em *Sammlung*

A

ABSTINÊNCIA

A regra de abstinência prescreve ao analista incitar o paciente a se privar das satisfações substitutivas que eventualmente se apresentam durante o tratamento como paliativo às suas frustrações. Seu histórico foi apresentado por Ferenczi no artigo “Prolongamentos da ‘técnica ativa’ em psicanálise” (1920).

Na origem (por volta de 1918), encontramos uma sugestão oral de Freud a propósito da histeria de angústia. “Os pacientes, a despeito de uma observância rigorosa da ‘regra fundamental’ e de uma visão profunda de seus complexos inconscientes, não chegavam a superar certos pontos cegos da análise enquanto não os estimulávamos a ousar sair do refúgio seguro constituído por sua fobia e a se expor, a título de experiência, à situação de que haviam fugido com angústia em razão de seu caráter penoso.”

Ora, observava Freud, “ao se expor a esse afeto, os pacientes superam a resistência contra uma parte do material inconsciente até esse momento recalcado, que se torna a partir de então acessível à análise sob forma de idéias e de lembranças”.

“A partir de então, foi esse processo que pretendi designar, pela expressão ‘técnica ativa’, que significava portanto uma intervenção ativa menos da parte do médico que da parte do paciente, ao qual se passava a impor, além da observância da regra fundamental, uma tarefa particular. Nos casos de fobia, essa tarefa consistia em realizar certas ações desagradáveis. Logo tive a oportunidade de impor a uma paciente tarefas que consistiam nisso: ela devia renunciar a certas ações agradáveis que até então haviam passado despercebidas (excitação masturbatória das partes genitais, estereotípias e

tíques, ou excitações de outras partes do corpo), dominar seu impulso de realizar esses atos. O resultado foi o seguinte: um novo material mnêmico tornou-se acessível, o que acelerou visivelmente o curso da análise.”

“O professor Freud”, diz Ferenczi, “extraiu a consequência dessas experiências e de outras similares no relatório ao congresso de Budapeste; sentiu-se até em condições de generalizar o ensinamento derivado dessas observações e de impor-lhe regras: o tratamento deve se desenrolar em geral na situação da abstinência.”

Mas Freud continua: “Não creio ter esgotado o assunto da atividade requerida do médico ao dizer que, durante o tratamento, ele deve manter a privação.”

Existe assim uma conjunção a especificar entre esses dois aspectos da abstinência: por um lado, que ela se apresente como uma “privação” no sentido de uma situação que resulta da proibição; por outro, que essa proibição seja uma exigência da situação transferencial.

A regra de abstinência deverá pois intervir desse duplo ponto de vista, como aplicação do princípio de realidade. Nos termos de Freud, essa formulação traduz o princípio de uma despersonalização do analista, que é ilustrada em “O futuro de uma ilusão” (assimilação do terapeuta ao deus benfeitor) e que subordina definitivamente a estratégia analítica à pulsão de morte. Nela se encontra implicada a crítica à preocupação junguiana com a formação “moral” do paciente, prolongada pelo seminário de Lacan, *A ética da psicanálise*, em sua crítica de uma ideologia da boa vontade.

► CATÁRTICO. TRATAMENTO.

P. KAUFMANN